

“Fernando Henrique não será novo JK”

João Manuel critica governo

por Fernando Abrucio
de São Paulo

O sonho do presidente Fernando Henrique Cardoso de se tornar um novo Juscelino Kubitschek, para conduzir o País rumo ao desenvolvimento econômico duradouro, está fadado ao fracasso. Essa é a opinião de João Manuel Cardoso de Mello, professor da Unicamp, exposta ontem no seminário “Regulação Econômica e Globalização”, realizado na Fundação do Desenvolvimento Administrativo (FUNDAP), em São Paulo.

João Manuel acredita que a conjuntura internacional e a fragilidade das elites brasileiras são dois grandes obstáculos para a implementação do projeto de reformas do governo federal, o qual é chamado pelo professor da Unicamp de “ajuste neoliberal”.

“A conjuntura internacional hoje é totalmente desfavorável para o Brasil, ao contrário da situação brasileira no período Juscelino. A partir da metade da década de 50, houve uma descentralização nos investimentos dos países mais ricos para o mundo subdesenvolvido, o que ajudou o Brasil e a outras nações do terceiro mundo. Atualmente, porém, há um movimento de concentração dos recursos financeiros e do progresso técnico nos países do primeiro mundo”, analisou João Manuel.

Para o professor da Uni-

camp, a atual abertura da economia brasileira só interessa aos EUA. “Os Estados Unidos precisam ter um superávit comercial no intercâmbio com os países latino-americanos para sustentar o equilíbrio financeiro de suas relações comerciais com o Japão.” Nesta conjuntura, acrescenta João Manuel, “o Brasil fica exposto a uma crise internacional, sobretudo porque depende ainda de capitais especulativos, esta praga da era da globalização”.

A possibilidade de uma crise financeira internacional que atinja o Brasil é mais grave no momento atual em razão de os EUA estarem com menos dinheiro do que na década de 50. “Não há espaço para um novo Plano Marshall destinado a ajudar os países latino-americanos.”

O outro obstáculo para a implementação das reformas pretendidas por Fernando Henrique é a fragilidade das novas elites brasileiras. “Houve uma mudança significativa no perfil da elite brasileira. A elite que construiu o Estado desenvolvimentista provinha da classe média vinculada ao aparelho do Estado e tinha um projeto nacional. A nova elite é extremamente privatista e só enxerga seus interesses mais imediatos. Não dá nem para comparar duas personalidades da envergadura do Prestes e do Geisel com os economistas “yuppies” de hoje”.